

A INSERÇÃO DA MULHER NO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO: O CASO DA ANTIGA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE MINAS GERAIS – CEFET-MG

Vera Lúcia Cardoso

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

1. INTRODUÇÃO

Esta publicação constitui-se no desdobramento do Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia, na linha de pesquisa Materialidade, Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas, cursado no período de 2008 a 2011, sob a orientação da Prof^a Josildeth Gomes Consorte¹, e apresenta o resultado de um estudo realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), antiga Escola Técnica Federal de Minas Gerais (ETFMG), sobre a inserção da mulher nos cursos técnicos de nível médio da antiga ETFMG a partir dos fatores sociais, culturais, econômicos e políticos, no período de 1960 – 1989. A pesquisa teve como foco a década de 1970, por ser este um período com especial significado na história da Instituição e do País.

O CEFET-MG, *locus* escolhido para realização desse estudo, é uma instituição centenária, criada em 1910 como Escola de Aprendizes Artífices de Minas Gerais com o objetivo de oferecer educação profissional no nível primário. Ao longo da sua trajetória, a Instituição passou por diversas transformações, ampliou sua atuação e, hoje, é uma Instituição Federal de Ensino Superior que oferece a educação profissional técnica de nível médio, o ensino de graduação e de pós-graduação e contempla, de forma indissociada, o ensino, a pesquisa e a extensão na área tecnológica e no âmbito da pesquisa aplicada.

O interesse pelo estudo sobre a mulher nessa Instituição está associado à minha experiência acadêmica e profissional acrescida, ao longo dos anos, pelas leituras relacionadas à educação profissional e aos estudos sobre a questão de gênero. Dessa forma, a proposta foi investigar a inserção da mulher na educação profissional, considerando que essa modalidade de ensino, tradicionalmente, caracterizava-se como um campo de estudo, majoritariamente, masculino, quadro que, nas últimas décadas, vem se modificando. Assim, atualmente, podemos constatar um crescimento significativo da presença da mulher, seja como discente nos cursos técnicos e de graduação, seja como servidora docente e técnico-administrativa no atual CEFET-MG. Por outro lado, os anos de experiência, de desafios, de estudos, de oportunidades de trabalho e de descobertas me permitiram realizar uma pesquisa sobre uma questão que é relevante para a Instituição.

Abordar a inserção da mulher no contexto da educação profissional levanta, segundo Costa *et al.* (2007), discussões relevantes como as que se referem, por exemplo, à divisão sexual do trabalho, à igualdade e desigualdade de gênero e à dominação e submissão entre homens e mulheres em função dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, a escolha do tema encontrava-se relacionada a um percurso acadêmico e profissional e surgiu basicamente da vontade de investigar a inserção da mulher em uma instituição tecnológica, bem como de socializar análises e reflexões acerca da temática no CEFET-MG. Portanto, o ponto de partida para a realização da pesquisa é a história da mulher nessa Instituição.

A propósito, cabe lembrar e ressaltar a importância da trajetória da mulher no cenário nacional e foi nessa perspectiva que buscamos desenvolver essa pesquisa de modo a contribuir, social e cientificamente, para a análise dos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais que influenciam o ingresso da mulher em uma instituição de educação tecnológica. Uma vez que as desigualdades sociais são percebidas por toda parte, acreditávamos que refletir sobre as questões de igualdade e desigualdade, de dominação e submissão entre homens e mulheres e, também, criar espaços coletivos para essa reflexão constituísse iniciativas importantes que podem promover mudanças na prática social e, especificamente, na prática escolar.

1) Doutora em Antropologia, Professora Titular do Departamento de Antropologia da PUC-SP.

Muitas eram as questões que norteavam nossos interesses mas, especialmente, interessava-nos descobrir qual o perfil das mulheres que frequentaram a educação profissional ofertada pela antiga ETFMG e, sobretudo, entender os motivos de tal escolha, considerando que atividades de pesquisa científica e inovação tecnológica eram, até recentemente, consideradas reduto masculino (Tabak 2007).

É importante ressaltar que, em nossa investigação, foi possível constatar que os estudos sobre a mulher na educação profissional são quase inexistentes; muito pouco se tem escrito, no campo educacional, sobre a inserção de mulheres neste particular. Carvalho (1998), ao tratar do assunto, evidencia que determinadas temáticas tendem a caminhar para a “configuração de práticas de gênero que incorporam a resposta geralmente aceita ao problema de legitimação do patriarcado, que garante a posição dominante dos homens e a subordinação de mulheres” (Carvalho 1998:410). Para a autora, trata-se de “uma forma de masculinidade aceita e mais valorizada culturalmente [...] sustentada por um poder institucional e que não corresponde de forma linear à experiência vivida pelos agentes sociais na Instituição escolar, embora seja uma estratégia consensualmente aceita” (Carvalho 1998:410).

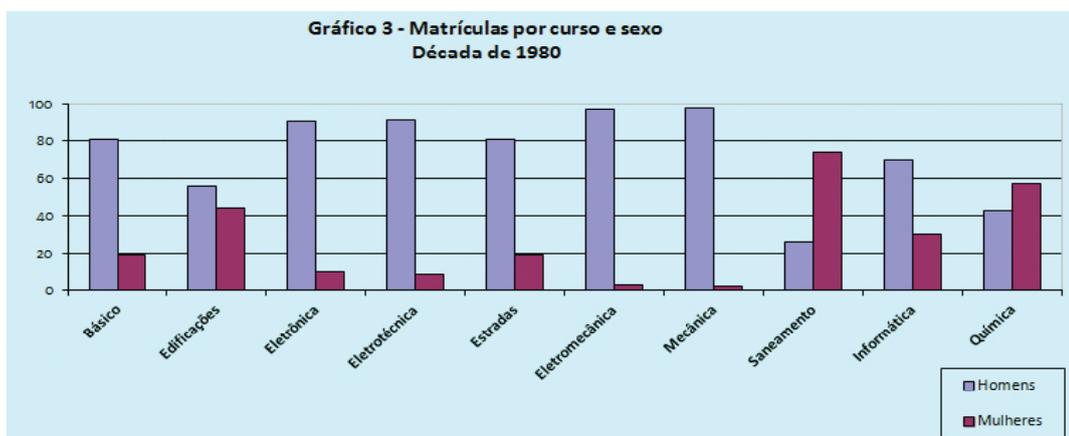
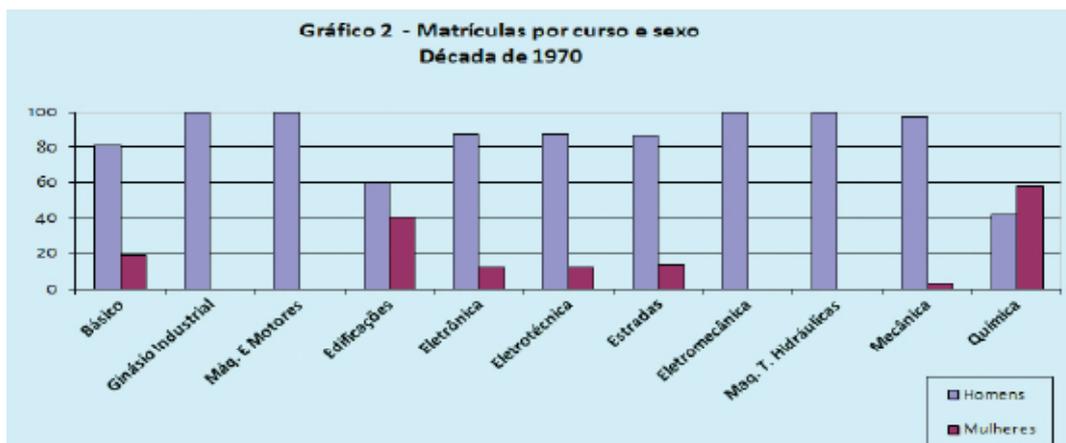
Outro fator relevante que nos levou a persistir nessa investigação foi constatar a força da presença masculina na administração da escola, desde a sua fundação, o que sugere a existência de um paradigma de administração predominantemente masculino, em suas áreas de excelência, podendo-se dizer que a promoção e a ascensão na carreira no CEFET-MG sempre se revelaram privilégio do gênero masculino.

Face a isto, a antiga ETFMG constituía um espaço privilegiado e fecundo para a realização da pesquisa pelo fato de possuir uma clientela extensa e diversa, com perfis diferentes entre si, mas com algumas características comuns, a saber: inserção numa profissão e mercado de trabalho; possibilidade de estudo em uma escola de qualidade e gratuita; interesse e gosto pelas atividades de pesquisa científica. E por oferecer cursos técnicos profissionalizantes, prioritariamente na área industrial, e atrair preferencialmente um público masculino e, também, por ser um espaço que integra as diversidades culturais, étnicas, de gênero e demais formas de compreender a realidade.

2. A PESQUISA

O material de campo abrangeu o levantamento de dados junto ao Arquivo Geral (inativo) do Serviço de Registro Escolar (SRE) da Instituição e entrevistas com as ex-alunas. O universo quantitativo obtido gerou o banco de dados com um total de 23.873 (vinte e três mil, oitocentos e setenta e três) pastas individuais de estudantes que ingressaram na antiga ETFMG (CEFET-MG), nos cursos técnicos de nível médio, no período de 1960 – 1989. Sua distribuição ao longo das décadas pode ser observada nos gráficos, abaixo:





Fonte: dados da pesquisa

No que se refere à pesquisa qualitativa, ou seja, ao número de entrevistas, procuramos nos orientar, primeiramente, considerando a maior participação/frequência de alunas nos cursos técnicos. Fez-se exceção quanto a esse critério às ex-alunas do curso de Mecânica, cujas presenças na Instituição, por ocasião das entrevistas, facilitaram enormemente a sua realização. Considerados o curto espaço de tempo, as limitações encontradas em localizar o paradeiro das ex-alunas, bem como a indisponibilidade de algumas para a concessão da entrevista, decidimos por focar nossa pesquisa na década de 1970, com base numa amostra de 19 (dezenove) ex-alunas que hoje se encontram trabalhando no CEFET-MG, quer como professoras quer como funcionárias.

Apresentamos, a seguir, o roteiro que foi previamente elaborado e utilizado por ocasião das entrevistas: (1) O que motivou a escolha do curso técnico? (2) Como foi a experiência de estudar numa escola, predominantemente, masculina? (3) Como eram tratadas na escola? (4) Que mudanças ocorreram na escola a partir da entrada das alunas? (5) Como a ETFMG (CEFET-MG) se organizava para atender as demandas do público feminino? (6) Como aparece a questão da mulher na política da escola?

Utilizando-se desse roteiro, as entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade das entrevistadas. Elas se realizaram, de modo geral, no espaço institucional, exceto duas que ocorreram fora do recinto escolar. Após ouvir as ex-alunas, passamos para a etapa da transcrição das suas falas, uma etapa longa e demorada. Pois, embora as entrevistas tenham observado o mesmo roteiro, a sua duração variou de depoente para depoente, conforme as características pessoais, a posição que ocupam na Instituição, a disponibilidade para responder às questões, o envolvimento com a temática e o ambiente no qual nos encontrávamos.

Foram levados em conta para a realização das entrevistas: o número de depoentes, por curso, o ambiente físico, o material para gravação, o roteiro e o tempo de duração da entrevista. Foram realizadas

19 (dezenove) entrevistas, assim distribuídas: 05 (cinco) ex-alunas do curso de Química; 05 (cinco) do curso de Edificações; 04 (quatro) do curso de Mecânica; 02 (duas) do curso de Estradas; 02 (duas) do curso de Eletrônica e 01 (uma) do curso de Eletrotécnica.

2.1 Os resultados

Observamos que só a partir dos anos de 1960 as mulheres começaram a ingressar na antiga Escola Técnica Federal de Minas Gerais. O curso mais procurado foi o de Química, seguido por uma procura quase irrisória pelo curso de Edificações. No entanto, na década de 1970, ocorreu um crescimento substancial da procura feminina nos cursos técnicos, evidenciando-se uma presença crescente nos cursos já mencionados, além de um número significativo de mulheres em outros cursos, tais como: Eletrônica, Eletrotécnica, Estradas e Mecânica. Na década de 1980, constatamos a oferta de dois novos cursos, o de Informática e o de Saneamento. Pelos dados coletados, foi possível constatar, ao lado de um pequeno crescimento dessa participação nos outros cursos, uma demanda bastante expressiva pelo curso de Saneamento, seguida pelos cursos de Informática e Eletromecânica.

No tocante à pesquisa qualitativa, ao analisar o conjunto dos depoimentos das ex-alunas, encontramos diversos depoimentos significativos em relação ao tema deste texto, com semelhanças nas respostas obtidas na totalidade das entrevistas realizadas com as estudantes dos diversos cursos técnicos da antiga Escola Técnica Federal de Minas Gerais.

Em relação à primeira questão, observamos que quase todas as depoentes eram oriundas das classes média e média baixa. O curso técnico profissionalizante mostrava-se, à época, como a possibilidade de inserção numa profissão valorizada pelo mercado de trabalho e representava também a possibilidade de estudar em uma escola de qualidade e gratuita. As respostas dadas a essa questão sugerem que a condição econômica das famílias era um fator preponderante na opção pelo ensino profissionalizante. A demanda pelo curso técnico, segundo uma das depoentes do curso Técnico em Mecânica “era uma promessa social”: cursar o ensino profissionalizante e adquirir conhecimentos na área técnica, representava a possibilidade de obtenção do passaporte para o mercado de trabalho. Além disso, estudar na antiga Escola Técnica conferia-lhes certo valor e prestígio, pois, à época, representava a possibilidade de ingresso da mulher no espaço público, por meio dos cursos técnicos que se encontravam em voga pela sua relevância na formação de indivíduos para o setor produtivo e por ser um “disseminador de novas tecnologias” (Fidalgo; Pereira 2007:113). Conforme manifesta uma depoente “era muito chique” estudar na Escola Técnica Federal; para essas ex-alunas, estudar nessa escola significava ascender cultural, social e profissionalmente. Também é interessante observar em alguns depoimentos que o gosto pela matemática, pela área de exatas, foi fator decisivo na opção pelo curso técnico; essas mulheres já iniciavam seus primeiros passos na área das ciências exatas.

No que diz respeito à segunda questão, constatamos que, na maioria dos depoimentos, a experiência de estudar numa escola predominantemente masculina representou para essas jovens diferentes vivências. Grosso modo, essas estudantes, ao ingressarem na escola, tinham entre 15 e 17 anos de idade, eram jovens que se encontravam na fase de transição para a vida adulta. Consideradas minoria na escola, tiveram sua participação muitas vezes restrita somente à sala de aula e aos laboratórios. Vale dizer que, à época, não havia na Instituição uma política capaz de promover a integração entre essas moças e os rapazes; ao contrário, segundo as depoentes, havia uma forte vigilância em relação a qualquer contato ou proximidade entre elas e os rapazes. Algumas ex-alunas ressaltaram que não encontraram dificuldades apesar de serem minoria em sala de aula, assim como na escola. No entanto, isso não as eximiu dos comentários, das críticas, até mesmo das piadas dos rapazes, uma reação seguramente sexista, principalmente por parte dos alunos de alguns cursos, conforme revela uma depoente do curso Técnico em Mecânica que com certa frequência se sentia alvo de críticas, tais como: “mulher-macho”; “mulher-homem”, comentários esses que realçavam o preconceito e o machismo dos colegas provenientes de um espaço onde a atuação masculina se sobrepunha. Os alunos, especialmente deste curso apresentavam, à época, valores sexistas muito arraigados na sociedade. Vale acrescentar que, “apesar de a mulher desafiar ingressar nesse espaço masculino, o senso comum ainda atribui às mulheres uma certa incompetência na área científica e tecnológica. A ciência e

a tecnologia ainda continuam sendo consideradas exclusividade do masculino”, conforme ressalta Silva (2000:157).

Outro aspecto relevante registrado pelas ex-alunas refere-se à ausência de banheiros e outras facilidades para as meninas, tais como: a dificuldade em encontrar um medicamento para cólica menstrual, absorventes, etc. Outro registro, também relevante, refere-se às alterações realizadas nas modalidades esportivas após o ingresso de mulheres na escola. As aulas de Educação Física eram ministradas separadamente, ou seja, os professores ministravam aulas para os meninos e as professoras ministravam aulas para as meninas muito embora a elas fosse dispensado o mesmo tratamento dispensado aos meninos, isto é, segundo uma depoente, elas eram tratadas como homens. Nesse sentido, podemos inferir que a ausência de um espaço específico para atender as necessidades femininas bem como o tratamento igualmente dispensado aos rapazes e moças expressavam claramente as marcas de uma violência simbólica apontada em Bourdieu (*apud* Loyola 2002). Também, não podemos esquecer que nos encontrávamos em plena ditadura militar. Havia o Setor de Disciplina na Instituição que ordenava a conduta, ditava normas e regras de comportamento e atitudes. O ingresso dessas ex-alunas coincide com um intenso movimento político no País, em que o autoritarismo era determinante e todos viviam sob um clima de intranquilidade e tensão. Segundo o depoimento de uma das ex-alunas do curso de Mecânica, no final dos anos de 1960 a repressão foi muito forte; houve invasão na escola e alguns estudantes chegaram a ser detidos para depor; entre eles, conta a “lenda”, encontrava-se a primeira aluna do curso de Mecânica presa e deportada que, hoje, vive na Costa Rica.

No tocante à terceira questão, podemos afirmar que, segundo as depoentes, no contexto da Escola Técnica Federal imperava uma visão disciplinadora, rígida, hierarquizada. Podemos observar que “esses aspectos são socialmente identificados com a masculinidade, a saber: a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico” (Carvalho 1998:409). É interessante registrar, no entanto, divergências na percepção das ex-alunas do curso Técnico em Edificações, pois, enquanto algumas afirmaram que “era tudo normal”, “igual”, há depoimentos que revelam que nem tudo era “normal e igual”. Isso pode ser percebido, por exemplo, em três depoimentos, em que as situações evidenciadas revelam de um lado que representações antigas referentes ao gênero - como “rainhas”, “bonequinhas”, “proteção”, “cuidado excessivo” - não se encontravam ultrapassadas e, de outro, a necessidade de afirmação da diferença de modo contestador.

No que se refere à quarta questão, às mudanças que ocorreram na escola a partir do seu ingresso, as ex-alunas responderam que, de uma maneira geral, não havia abertura para uma participação ativa e democrática na escola, para a interlocução e o diálogo; os canais de participação mantinham-se ainda fechados, sobretudo, para as mulheres. As mudanças registradas incluíam desde a contratação de novas professoras e a construção do Ginásio de Esportes até a introdução do Festival de Dança, dentre outras atividades, que ocorriam no interior da escola. As mudanças ocorreram em alguns níveis e impuseram diferentes ações por parte dos agentes sociais que atuavam na Instituição. Já não havia como a escola reproduzir uma prática e formação escolares nos moldes tradicionais, pois, esses já se mostravam insuficientes para dar respostas às transformações pelas quais a sociedade vinha passando.

Gerken (1999), em seu estudo sobre a história da escolarização da dança no CEFET-MG, observou que essas mudanças foram significativas na cultura escolar. Foram mudanças não só curriculares, mas também comportamentais, bem como nos espaços físicos da escola.

Em seus depoimentos as ex-alunas revelaram que a escola sofreu também mudanças em sua área física, tendo em vista a inexistência de banheiros femininos no espaço destinado ao curso de Mecânica. As ex-alunas, que ingressaram na Escola Técnica no início da década de 1970, afirmaram ter vivenciado momentos mais difíceis, pois, àquela época, os servidores docentes e técnicos administrativos, em sua maioria do sexo masculino, tinham comportamentos e atitudes discriminatórias, preconceituosas em relação à mulher, sobretudo, às jovens estudantes dos cursos técnicos menos frequentados por mulheres.

Nas respostas à quinta questão, ou seja, como a escola se organizou para atender as demandas do público feminino, o que observamos nos depoimentos é que, naquele momento, as estudantes eram movidas pelo interesse e pela necessidade de prosseguir nos estudos assumindo, dessa forma, o ônus por essa decisão. Impulsionadas pelas realizações de uma possível carreira e reconhecimento profissional,

aventuravam-se na busca por ocupações, tradicionalmente, consideradas reduto masculino, adaptando-se ao que nelas encontravam.

Essas estudantes lidaram, no interior da escola, com o desafio de serem as primeiras a enfrentar esse universo marcado pelo autoritarismo masculino que representou o período não só internamente como também externamente. Em seus depoimentos elas evidenciam que procuravam conviver em harmonia num contexto escolar, marcadamente masculino, procurando resguardar as suas particularidades, envolvendo-se de cuidados no tocante ao cumprimento das normas do regimento disciplinar interno estabelecido pela Instituição.

Em essência não lhes era dispensada nenhuma forma de tratamento diferenciada; ao contrário, conforme registrado no depoimento de uma ex-aluna do curso Técnico em Química, o “tempo era de dureza” e elas eram “tratadas como homens”. É importante ressaltar que em nossos estudos não observamos na trajetória da educação profissional, bem como na história da antiga Escola Técnica Federal de Minas Gerais, nenhuma proibição explícita ou restrição legal que impedisse o acesso de mulheres nessa modalidade de ensino.

No entanto, foi possível concluir que a Escola Técnica Federal vinha se modificando de forma gradativa no sentido de atender as exigências colocadas pelo contexto nacional daquela época e as impostas pelo contexto interno. Nesse sentido, as mudanças que ocorreram na Instituição foram decorrentes de transformações que aconteciam na sociedade, tais como as inovações organizacionais e tecnológicas nos processos produtivos e a inserção da mulher nos espaços públicos e privados.

Não obstante, de acordo com os depoimentos das ex-alunas, evidencia-se a ausência de uma política de integração na antiga Escola Técnica Federal que visasse a atender as demandas específicas da clientela feminina. De uma maneira geral, existia a preocupação em atender as demandas da sua clientela como um todo, independentemente do sexo de quem nela ingressava.

Por fim, relativamente à sexta e última questão, a que aborda a participação da mulher na política da escola, houve unanimidade nos depoimentos das ex-alunas quanto ao fato de que a predominância masculina é algo ainda muito forte na Instituição refletindo, no seu interior, o que acontece extramuros da escola. Para as depoentes, o fato de, nesses 100 anos de existência, a escola jamais ter tido uma mulher ocupando o cargo de direção geral da Instituição evidencia, de modo irrefutável, a predominância masculina que ainda reina na escola.

Constatamos que ainda hoje é muito forte a influência de fatores de ordem tradicional para a escolha e nomeação de pessoal para determinados cargos e funções na Instituição, ou seja, na política da escola. É possível perceber unanimidade nos depoimentos das ex-alunas quanto a ausência da mulher nos cargos e/ou funções de maior prestígio na Instituição. O poder, a condução e a tomada das decisões fundamentais que norteiam os rumos da escola ainda se concentram em mãos masculinas.

Valemo-nos das contribuições de Bourdieu (*apud* Loyola 2002:49), quando afirma que a violência simbólica resulta do fato de as pessoas terem na cabeça princípios de percepção, maneiras de ver que são produto de uma relação de dominação. Podemos afirmar que as estruturas sociais corroboram, desde a infância, a incorporar, interiorizar um tipo de relação masculino-feminino na família, na escola. Nesse sentido, para Passos (1999:107), citando Bourdieu (1995), “cria-se um fosso entre homens e mulheres [...] as mulheres acabam se identificando com um modelo de quem não participa diretamente do jogo do poder [...] participam dele, quase sempre, através dos homens”.

No entendimento das ex-alunas, de modo geral, a participação da mulher na política da escola é algo mais recente na Instituição, assim como é recente a participação da mulher na política do País. É responsável por essa situação, segundo o que o depoimento de uma das ex-alunas deixa entrever, a falta de “vontade”, de “levantar bandeira” por parte do coletivo de mulheres na escola. Em outros depoimentos, as ex-alunas denunciaram a existência de atitudes e comportamentos machistas dos quais muitas vezes são vítimas, afirmando que eles ocorrem de forma escancarada. Desse modo, segundo elas, a participação da mulher na política da escola não aparece; a mulher ainda não ocupou esse espaço. Apesar de termos algumas mulheres exercendo cargos e funções na Instituição, a presença feminina no atual CEFET-MG ainda é

muito inexpressiva. Uma ex-aluna do curso Técnico em Mecânica considera que essa representatividade feminina no contexto escolar ainda é muito reduzida, desvalorizada e, por vezes, desrespeitada.

Acredita-se que a mulher ainda não conquistou esse espaço por motivos diversos que acabam absorvendo-a em funções para as quais supostamente foi preparada desde cedo como: o casamento, a família, os filhos. A questão do poder é algo para o qual ela ainda não manifesta vontade, desejo, interesse ou então não se sente preparada para exercê-lo. Esse ponto coincide com a participação da mulher na política nacional, são questões que caminham juntas seja no interior da escola seja no País. A partir do final dos anos de 1980, é possível observar que cargos e funções de maior relevância vêm sendo ocupados por mulheres, de forma gradativa, no interior da Instituição. Houve um crescimento no número de professores e professoras no quadro de servidores da Instituição. Na década de 1970, por exemplo, não havia professoras nas áreas técnicas, apenas nas áreas de cultura geral. As ex-alunas argumentaram que a mulher, desde então, vem tendo um papel relevante, envolvendo-se em quase todas as áreas profissionais e do conhecimento no interior da Instituição, bem como uma inserção visível no campo político, social e econômico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado a que chegamos serviu de guia para a elaboração do relatório conclusivo da pesquisa, permitindo estabelecer algumas conclusões iniciais. A primeira diz respeito ao crescimento do número de mulheres nos cursos técnicos da antiga Escola Técnica Federal, o que de certa maneira ia ao encontro de uma tendência no País, à época, de incentivar a participação da mulher na área das ciências exatas.²

Uma segunda conclusão diz respeito à análise das causas que contribuíram para o ingresso das estudantes nos cursos técnicos. As motivações que as levaram a ingressar nos cursos técnicos profissionalizantes foram de três ordens: a necessidade econômica da família, a excelência dos cursos técnicos oferecidos pela Instituição e, por último, a possibilidade de realização profissional. Constatamos, também, uma outra motivação igualmente importante em alguns depoimentos, a saber, que o curso técnico viabilizaria a independência financeira, o que correspondia “à tomada de controle sobre suas próprias vidas, assim como a ampliação do horizonte feminino para além das fronteiras da família” (Pereira; Fidalgo 2007:162).

Observamos que, por se tratar de uma Instituição majoritariamente masculina, rapazes e moças eram classificados de acordo com os valores e preconceitos vigentes na nossa sociedade, colocando-se os primeiros como mais importantes que as mulheres. Embora rapazes e moças optassem por cursos que certamente lhes dariam maiores possibilidades de projeção social, as escolhas das mulheres recaíam sobre os cursos em que a presença feminina era mais acentuada. Além disso, apesar de rapazes e moças dividirem o mesmo espaço escolar, o que poderia representar a possibilidade de mudanças e também de superação, ambos ainda continuavam separados. Embora as ex-estudantes tenham revelado em seus depoimentos pequenas tentativas de superação, os modelos de masculinidade e de feminilidade obedeciam aos valores e as convicções vigentes à época (Passos, 1999).

De acordo com Passos (1999:106), “a escola reforça e legitima [...] modelos à medida que veicula mensagens nas quais o homem firma-se pela audácia e pelo desempenho na vida pública, enquanto a mulher permanece envolvida no sonho do casamento, da chegada de alguém para protegê-la, amá-la e decidir sua vida”. Seguindo a lógica desse raciocínio, a autora (1999:106) enfatiza que, na nossa sociedade, “tradicionalmente, homens e mulheres recebem educação diferenciada, não em respeito às diferenças entre os sexos e sim para torná-los desiguais e, com isto, marcá-los, rotulá-los e destiná-los a lugares e papéis”.

Todavia, a ciência e a tecnologia também desempenharam um importante papel nessa construção, pois, constituídas como espaço masculino, mantiveram a “ideia dos estereótipos de inaptidão feminina para essas áreas” (Silva 2000:198). Tivemos, então, “como consequência desse processo uma educação técnico-profissional, também concebida como um espaço de formação masculina” (Ibid. 2000: 198).

2) Percebeu-se que, apesar de esse número ser pouco expressivo, a presença feminina apresentava-se num contínuo crescimento na Instituição, em que pese a discrepância entre homens e mulheres em determinados cursos.

Assim, face ao exposto, bem como aos depoimentos das ex-estudantes, podemos argumentar que a antiga Escola Técnica Federal de Minas Gerais não colocou, no centro do debate, a preocupação com a formação feminina; ainda hoje, apesar do crescimento da presença feminina nos cursos técnicos e no quadro de servidores no atual CEFET-MG, as mulheres continuam minoria nesse universo masculino.

Assim, podemos dizer que, mesmo frequentando uma escola técnica profissionalizante, predominantemente masculina, as moças faziam “os cursos que as levariam às ocupações socialmente definidas como femininas, repetindo uma tradição de dependência e de poder presente nas famílias [...] onde se dava não de maneira espontânea, mas ensinada e cobrada” (Passos 1999:215).

Outra conclusão não menos importante refere-se à participação da mulher na política da escola. Embora haja controvérsias nos depoimentos das ex-estudantes, podemos dizer que o avanço nesse espaço, ainda que tímido, corrobora a conquista da mulher nos espaços considerados redutos masculinos, implicando mudanças nos padrões de gênero. Assim, mesmo persistindo a divisão sexual do trabalho, as mulheres pouco a pouco vêm conquistando novo espaço seja na esfera pública ou na esfera privada.

Finalizando, os resultados, além de apontarem para o alcance dos objetivos propostos, suscitaram indicativos de novos temas de pesquisa os quais podem contribuir para que os sujeitos sociais na Instituição sejam “consideradas (os) nas suas diferenças, sem que isso implique em discriminação, tratamento desigual, exploração, negação de direitos, enfim em desigualdades sociais” (Silva 2000: 204).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cardoso, V. L., “A inserção da mulher no ensino técnico de nível médio: o caso da antiga Escola Técnica Federal de Minas Gerais – CEFET-MG”. *Dissertação*, (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- Carvalho, M. P. de., “Vozes masculinas numa profissão feminina”. *Estudos Feministas*, 6 (1998), pp. 406-422.
- Costa, A. F. S. *et al.*, “As relações étnico-racial e de gênero nos processos educacionais. DESIGUALDADES e diferença na universidade: gênero, etnia e grupos sociais populares”, *Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes*, (2007), pp. 26-60.
- Gerken, M. A. de S., “Das aulas aos festivais: história da escolarização da dança no CEFET-MG. 1999”. *Dissertação* (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- Loyola, M. A., *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002, pp. 9-98.
- Passos, E. S., *Palcos e platéias – as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*, Salvador, UFBA, Coleção Bahianas, 4.
- Pereira, J. L. R., Fidalgo, F., “A gestão do trabalho e o desenvolvimento de competências segundo o sexo”. In: Fidalgo, Fernando. (Org.) *Educação profissional e a lógica das competências*. Petrópolis, Vozes, 2007, pp. 111-166.
- Silva, N. S., “Gênero e trabalho feminino: estudo sobre as representações de alunos (as) dos cursos técnicos de Desenho Industrial e Mecânica do CEFET-PR”. 2000. *Dissertação* (Mestrado em Tecnologia) - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2000.
- Tabak, F., “Apesar dos avanços: obstáculos ainda persistem”. *Cadernos de gênero e tecnologia – CEFET-PR*, 1 (2007), pp. 9-20.

